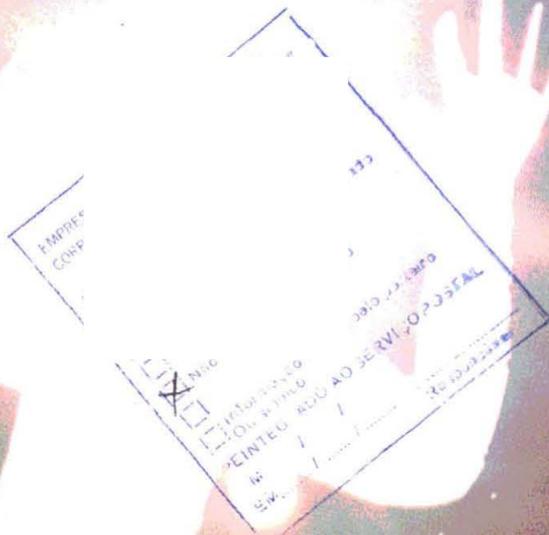


CONTRATO Nº 2810/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO



chegou a hora
dessa gente
BRONQUEADA
mostrar
seu valor.

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V

Nº 63/69

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

MIDIOCRACIA

ou

A cultura sitiada

□ RONALDO CAGIANO

podíamos ver no velho Telefunken preto e branco as sutilezas criativas de *Shazan*, *Sherife e Cia.*, do *Sítio do Picapau Amarelo*, de *Vila Sésamo*, dos filmes educativos, do *Capitão Asa* na extinta Tupi, com seriados que nos atraíam pela sobriedade, sem apelações. Hoje, convivemos com a falsa leveza de uma cultura descartável, que

privilegia os estrondosos sucessos econômicos dos bens culturais, em detrimento da real necessidade de capacitação intelectual do homem. Em entrevista ao "Jornal Opção", de Goiânia, o escritor Silviano Santiago é enfático com relação à existência de um gosto globalizado, que é fruto do ímpeto do mercado e por isso mesmo alienante e banalizador.

Pouco antes de morrer, José Paulo Paes, ensaísta, escritor e crítico de nomeada, alertava para esse estágio avassalador, em que a mídia estava a ditar as regras. Chegou a dizer, dentro de sua peculiar lucidez e sem nenhum tom de sofisma, que estaríamos caminhando para uma sociedade de "vidiotas" e "internescios". É uma

constatação inequívoca, tanto mais porque a tevê está aí como uma *baby sitter* moderna, a nossa babá eletrônica, a "educar" nossas crianças pelo viés neoliberal, num tempo em que pais trabalham fora e só encontram a família antes de dormir (e na maioria das vezes já encontra a família na cama). Ives Gandra, jurista e escritor que tem refletido o Brasil sob um prisma ético-jurídico-cristão, vem também enfrentando essa questão em artigos candentes, exigindo



Experimentamos em nosso país um agudo processo de pulverização cultural, um dos tentáculos da globalização, perverso fenômeno que travestiu a economia, as comunicações e o relacionamento internacional com toda sua carga hegemônica e fetichista. Com isso, vem produzindo uma criminosa cauterização das consciências. Forma uma geração atípica, quase amorfa intelectualmente, que não pensa, não age, não vê, não questiona: assimila o processo, como alguém que empurra goela abaixo uma prescrição medicamentosa, convalidado pela necessidade compulsória do alívio. Só que aqui é a destruição de características intrínsecas à pessoa humana, cuja cultura, costumes e valores estão sendo sumariamente sitiados pela nova ordem mundial. Tudo isso vem a reboque do império da mídia, ao mesmo tempo tão sedutor e danoso. Sedutor pelas facilidades da comunicação e rapidez com que nos traz os fatos. Danoso porque acaba por disseminar valores alienígenas, além de facilitar a vulgarização da vida e da morte através de uma programação desarticulada, sem mínimos princípios éticos, estéticos e morais. Não vale a pena dissentir sobre Ratinho, Xuxa, Leão, Gugu, Rodolfo e ET e outras excentricidades do gênero, que é cair no chove-não-molha das dicotomias, das ponderações maniqueístas, da dialética das considerações. Estão aí, a olhos vistos, e a sociedade sabe como se defender deles.

Bons tempos aqueles em que, em nossa não tão remota infância, ainda

uma programação livre desses excessos, opondo-se a essa onda crescente de programas de qualidade bordelesca, que vêm na direção contrária da sustentação dos valores de uma sociedade que pretende alcançar um nível mínimo de civilidade, educação e cultura. Nessa linha de desmantelamento de valores, podemos situar, também, a questão do livro. Há toda uma geração pervertida, de leitores de inutilidades e sensaborias.

Bons tempos aqueles em que nossa formação intelectual tinha início em Monteiro Lobato, em Rubem Braga, em Condessa de Ségur, em Graciliano Ramos, em Cecília Meireles, em Viriato Corrêa ou nos lúdicos textos do velho livro do Programa de Admissão. Hoje a literatura está adstrita a um amontoado de publicações de auto-ajuda, de esoterismo de boutique, de condicionamentos ao lixo literário americano, de *best sellers* de duvidoso mérito estético. Situação que vem impondo aos leitores uma distância de nossa realidade, já tão fragmentada, em outros setores, pela acachapante e hegemônica onda neoliberal. Não se pode esperar muito de uma geração sem massa crítica como a nossa que prefere o *imbroglio* musical reinante, sem identidade e sem propósito (com todas as suas distorções libidinosas) e o pastiche da música *sertanojo* (com suas duplas que mais induzem a uma simbologia sexual a uma genuína musicalidade) e relega a um plano de somenos a arte de Pixinguinha, de Cartola, de Noel, de Adoniram, de Villa Lobos, de João Gilberto, de Pena Branca, de Xavantinho e tantos outros. Não se pode vislumbrar nada além disso que a mídia tem feito: embotamento e degeneração. Um país que lê alquimistas e valquírias suicidas - literatura de encomenda e aluguel, portanto descartável e desniveladora da inteligência -, que se contorce em espasmos orgiásticos diante de Carla Peres, de Tiazinha, essas *madonnas* pasteu-

rizadas da arte sem escrúpulos; que considera melodia a pobreza estilística das músicas de rodeios (quando a verdadeira música de raiz, o sertanejo autêntico e sem aparatos tecnológicos e dissimuladores da falta de talento não merece o mesmo destaque), não pode amadurecer como nação.

Tudo parece caminhar para o nível da baixaria e do servilismo às tentações consumistas, conduzindo a uma generalizada mediocrização. O debate produz uma constatação alarmante: querem dar cultura ao povo popularizando por baixo, quando o povo merece o melhor. Essa negligência quanto à melhoria do padrão da informação e da educação deve ser entendida como uma prevaricação cultural, porque, tendo condições de fazer o melhor, dá-se o pior. Estamos perdendo o referencial autêntico da nacionalidade: a memória. E como diz o saudoso Octávio Paz, "se a memória se dissolve, o homem se dissolve".

Vale lembrar, em recente passagem pelo Brasil, o que disse o escritor português José Saramago, Prêmio Nobel de Literatura, numa instigante palestra em São Paulo. Tido como ateu convicto, no entanto nunca esteve alheio às emulações do espírito. Preocupado em relação ao futuro da humanidade e com o destino dos povos ditos civilizados, mas inexoravelmente colonizados pela modernidade, ele nos alerta para o perigo do alheamento

de que estamos sendo vítimas: "Estamos esquecendo que a nossa preocupação com o outro é fundamental, pois hoje o mundo está repleto de pessoas amputadas não fisicamente, mas amputadas de alma". Nesse sentido entendemos que o que pulula por aí vem arrastando a cultura, a identidade, o caráter nacional, no clima de oba-oba da mídia e seu condicionamento operante.

Com toda razão, Cassiano Nunes, ex-professor da Universidade de Brasília e conferencista agudíssimo, vem se opondo a essa onda de inversão (e criminosa invasão) cultural que grassa por aí. E é parafraseando o lúcido mestre santista, que arremata este registro: "Se Paris está lendo Paulo Coelho, eis minha vingança: vou ler Proust em Cataguases!"

